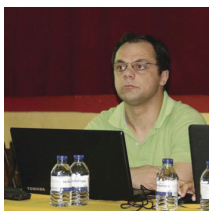
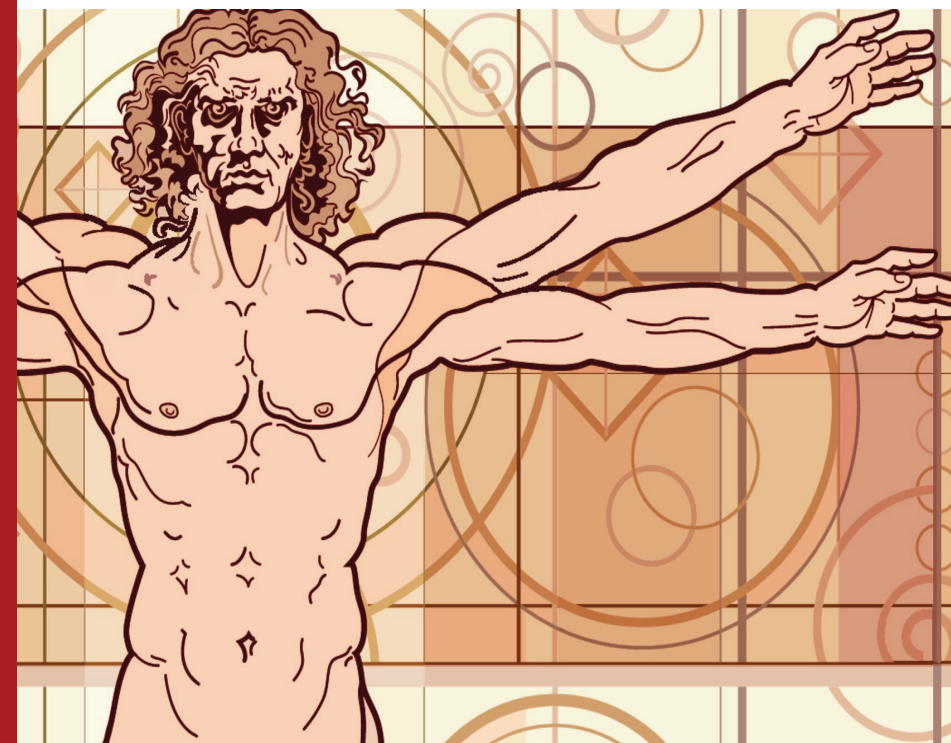


O Homem: Evolução e Educação

Trabalho de investigação desenvolvido na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Finalizado em março de 2001, no âmbito da componente de avaliação prática da disciplina de métodos de observação e avaliação psicológica da licenciatura em Ciências da Educação. O conteúdo deste trabalho insere-se num processo de investigação desenvolvido, até hoje, pelo autor nas áreas da antropologia filosófica e da teoria da história.



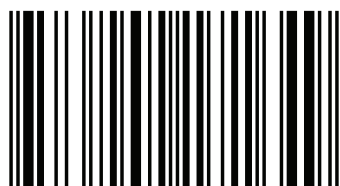
João Maia, investiga, na Universidade de Coimbra, as temáticas do transumanismo e do pós-humanismo no âmbito do seu doutoramento. É mestre em Ciências da Educação por esta universidade. É autor de artigos e comunicações científicas sobre os temas da antropologia filosófica, globalização e educação. Como investigador pertence ao CIJVS e ao CTEC-UFP.



João Maia

O Homem: Evolução e Educação

Desde as origens da espécie até à atualidade



978-620-2-17164-9

 Novas Edições
Acadêmicas

João Maia

O Homem: Evolução e Educação

João Maia

O Homem: Evolução e Educação

Desde as origens da espécie até à atualidade

Novas Edições Acadêmicas

Imprint

Any brand names and product names mentioned in this book are subject to trademark, brand or patent protection and are trademarks or registered trademarks of their respective holders. The use of brand names, product names, common names, trade names, product descriptions etc. even without a particular marking in this work is in no way to be construed to mean that such names may be regarded as unrestricted in respect of trademark and brand protection legislation and could thus be used by anyone.

Cover image: www.ingimage.com

Publisher:

Novas Edições Acadêmicas

is a trademark of

International Book Market Service Ltd., member of OmniScriptum Publishing Group

17 Meldrum Street, Beau Bassin 71504, Mauritius

Printed at: see last page

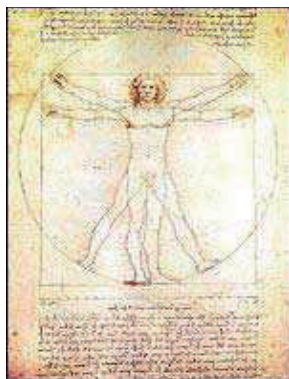
ISBN: 978-620-2-17164-9

Copyright © João Maia

Copyright © 2017 International Book Market Service Ltd., member of OmniScriptum Publishing Group

All rights reserved. Beau Bassin 2017

O Homem: Evolução e Educação



João Jerónimo Machadinha Maia

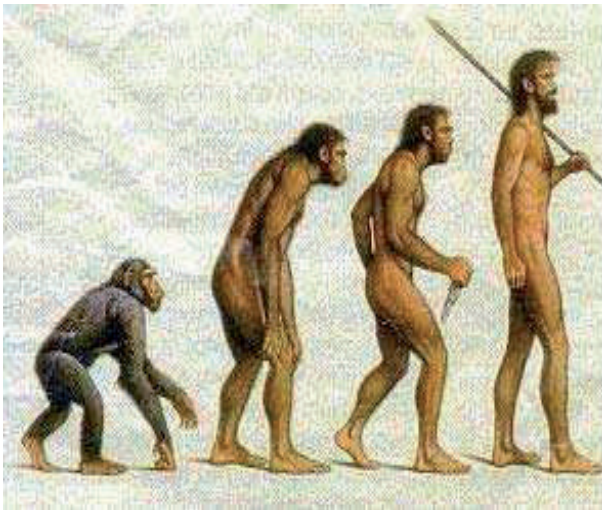
Introdução

Este trabalho tem como objetivo através da análise e avaliação da História e evolução do Homem perceber uma diretriz coerente por onde se orienta essa mesma evolução. Para além das diversas referências que irão ser feitas aos diferentes tipos de educação usados ao longo das épocas e das culturas, no fim também se tentará concluir algo acerca dos caminhos que a educação deve tomar no futuro.

É de ter em conta que se trata de um trabalho de pesquisa e reflexão, assim, os factos apresentados ao longo do trabalho pertencem às inúmeras fontes consultadas enquanto que a reflexão, discussão e conclusão que surgirão não só na parte final do trabalho mas também, eventualmente, na parte expositiva estarão por conta do autor.

Assim percorrer as diversas culturas ao longo do tempo e examinar o momento atual é o roteiro proposto para este trabalho. É, também, de ter em conta que a análise será feita segundo as grandes culturas civilizacionais, que embora tendo dentro de si realidades específicas, influenciaram o curso da História de uma maneira muito própria. Logo, aqui, o importante é captar os contornos gerais da História e os acontecimentos específicos que assim o determinaram. Um ou outro facto de importância relativa poderá ser omitido mas não deixaremos de tratar a corrente geral em que ele aconteceu.

Das origens às primeiras civilizações



As origens

As primeiras formas humanas viveram em África há cerca de 4-6 milhões de anos atrás. Estas primeiras formas de seres humanos espalharam-se a partir de África até ao sul da Ásia, há cerca de 1 milhão de anos atrás. Deslocaram-se até à Europa do Norte e às Américas apenas por volta do fim da era glaciár, entre 70000 e 100000 anos atrás.

No entanto, esta expansão em termos de domínio territorial foi acompanhada de uma evolução na postura física (cada vez mais reta) e na caixa craniana que aumentando de tamanho possibilitava o desenvolvimento de capacidades cognitivas. Assim do Ramapitecus (crê-se o primeiro antepassado direto do Homem) apareceu o Homo Habilis e posteriormente o Homo Erectus, este último através do Homem de Pequim dominou o fogo entre 500000 e 100000 anos atrás.

O Homo Sapiens Sapiens, desenvolvido há cerca de 40000 anos a partir do Homo Erectus, tinha um cérebro maior, mas no princípio também caçava animais, recolhia raízes e vivia frequentemente em grutas, como abrigo e proteção, usando também o fogo. O seu talento para construir ferramentas afastou-o dos outros animais sendo essas ferramentas construídas de madeira e pedra. Também por esta altura o desenvolvimento da navegação permitiu a colonização da Austrália.

Só por volta do ano 9000 a.C. é que alguns desses seres humanos caçadores-recolectores iniciaram a agricultura para obter alimento. Sendo que a agricultura mantém os povos juntos aos seus territórios, pequenas comunidades agrícolas transformaram-se em aldeias e pequenas aldeias prósperas talvez com um mercado e templo, transformam-se em cidades.

Tanto quanto se sabe, as primeiras cidades apareceram no Próximo Oriente, Jericó foi fundada por volta de 8350 a.C. e Çacal Hüyük cerca de 6700 a. C. Mas estas não eram ainda cidades importantes - estamos na Idade da Pedra. Passar-se-iam 3000 anos antes que as primeiras civilizações verdadeiras surgissem - a história das civilizações cobre apenas os últimos 6000 anos antes da existência humana.

Arte Primitiva:

As pinturas rupestres datam, as mais antigas, de há cerca de 30000 atrás e representam frequentemente animais, figuras humanas, padrões, criaturas míticas e seres sobrenaturais. Em termos de situações mais representadas surgem as memoráveis caçadas.

A Vénus de Willendorf, outro exemplo de arte primitiva, é uma das esculturas mais antigas no mundo, tem cerca de 25000 anos e é feita em calcário. A escultura foi encontrada na Áustria e várias outras figuras femininas semelhantes foram encontradas noutros locais da Europa Ocidental. Estas figuras de Vénus assim chamadas por referência há muito mais recente deusa romana, parecem ser símbolos da fertilidade, representando a maternidade e o nascimento.

As primeiras civilizações

A palavra «civilização» refere-se a países ou povos que atingiram um alto nível de desenvolvimento social e cultural e realizaram feitos notáveis nas artes, ciências e tecnologia. A civilização não surge de um dia para o outro: as sociedades demoram gerações para criar um ambiente civilizado.

A Mesopotânea, o antigo Egípto, o vale Indo e a China antiga são as mais antigas civilizações do mundo. Estas e outras importantes civilizações evoluíram nas margens dos grandes rios. A terra fértil ao longo dos rios possibilitava às populações desenvolverem uma agricultura bem-sucedida.

Mesopotânia:

Por volta do ano 5000 a. C, as comunidades agrícolas floresciam na Mesopotânia, nas suas terras férteis ao longo das margens dos rios Tigre e Eufrates. Mesopotânia significa “terra entre rios”. Por volta do ano 3000 a. C, algumas das cidades do sul - tais como Erech, Kish, Lagash e Ur- tinham-se transformado em poderosas cidades-estados.

Eram conhecidas no conjunto como Suméria, mas cada uma das cidades era independente. As cidades, que eram dirigidas por reis, rainhas e governos, tinham muros para afastar os inimigos e palácios e templos erigidos aos deuses construídos no topo de grandes pirâmides de degraus, chamadas “zigurates”. Os Sumérios fabricavam ferramentas, armas e ornamentos em cobre, bronze e ouro. Foram talvez o primeiro povo a construir veículos de rodas.

Por volta do ano 2370 a. C, o rei Sargão I, de Acádia, uma cidade do norte da Mesopotânia, conquistou a Suméria e criou um império que durou cerca de 200 anos. Mais tarde, tanto a Suméria como a Acádia fizeram parte do Império Babilónio de Hamurabi.

Escrita Suméria:

Os Sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme, que significa “em forma de cunha”, por volta do ano 3300 a. C. Usavam um instrumento em forma de cunha, que pressionavam contraplacas da lama húmida. Os primeiros textos eram normalmente relações de terras e colheitas. Mais tarde, a escrita cuneiforme foi usada para escrever cartas e histórias.

Antigo Egípcio:

Por volta do ano 3100 a. C, o rei Menes uniu as terras do Alto Egípcio e do Baixo Egípcio. Tendo a civilização do antigo Egípcio crescido nas margens do rio Nilo. Manteve-se cerca de 3000 anos, divididos em três grandes períodos.

No Alto Império (entre 2686-2181 a. C), a capital era Mênfis, no norte do Egípcio. As pirâmides foram construídas nessa época. Na sua construção estiveram envolvidos milhares de trabalhadores, o que demonstra como estava bem organizada a sociedade egípcia. Após um período de distúrbios, surgiu o Império Médio (2000-1786 a. C), reunido por um príncipe de Tebas no sul do Egípcio.

O Egípcio esteve ocupado pelos Hicsos em 1640 - 1552 a. C. Após a sua expulsão, a civilização egípcia atingiu durante o Novo Império o auge do poder e da riqueza. A partir de 1085 a. C, contudo, o Egípcio foi invadido por uma série de potências estrangeiras, incluindo a Assíria e a Pérsia. Em 332 a. C, Alexandre, *O grande*, conquistou o Egípcio, iniciando um período de influência grega sob o governo de uma série de reis, a chamada dinastia Ptolemaica.

Os egípcios acreditavam que a vida para além da morte era muito semelhante à vida na Terra. Com os seus mortos, reais ou nobres, enterravam toda a espécie de bens - não só joalharia e tesouros, mas também armas, jogos, até comida e sementes. Também escreviam as suas histórias em hieróglifos e imagens sobre as suas vidas nas paredes dos túmulos. Estas são fontes preciosas de informação sobre o modo como os Egípcios viviam.

Deuses Egípcios:

O antigo culto egípcio assenta no deus Osíris, personificação da bondade, que regia o mundo subterrâneo após ter sido morto por Seth (deus da noite, do deserto e de todos os males). A esposa-irmã de Osíris era Ísis (filha de Geb e Nut, deuses do céu e da terra, respectivamente) tendo o seu filho Hórus (deus do sol) capturado o assassino do seu pai. Pensava-se que os faraós eram reencarnações de Osíris.

A mitologia das antigas civilizações tem, na sua generalidade, características animistas e panteístas. Ou seja, os povos destas civilizações atribuíam divindade às manifestações da natureza atribuindo-lhes assim um deus para cada um desses fenómenos. Como veremos mais adiante, é uma característica da linha de evolução que aqui tratamos.

O Vale do Indo:

O Indo é um dos grandes rios do sul da Ásia, que desce os Himalaias até às planícies do que atualmente é o Paquistão. Tal como o Nilo e os rios da Mesopotânea, tinha enchentes todos os anos que cobriam os terrenos à volta com ricos aluviões fertilizantes.

Por volta do ano 5000 a. C, o povo do vale do Indo vivia em comunidades agrícolas. Podem ter aprendido os segredos da agricultura através do comércio com a Mesopotânea. Em 2500 a. C havia cerca de 100 vilas e aldeias e cinco grandes cidades, as mais famosas das quais eram Mohenjo-Daro e Harrapa.

A civilização do vale do Indo atingiu o seu auge entre 2300- 1700 a. C. O povo era altamente organizado. As suas cidades eram antecipadamente planeadas, prevendo-se a construção de sistemas subterrâneos de drenagem. No comércio usavam-se pesos e medidas de pedra polida que eram cuidadosamente controlados. Ao contrário dos sumérios e dos antigos egípcios, o povo do vale do Indo não edificou grandes templos, mas tinha muitos pequenos santuários erigidos aos seus deuses.

A civilização do vale Indo era virtualmente desconhecida até que, em 1920, foram descobertas as ruínas das cidades. Muitos aspetos desta civilização permanecem misteriosos e ninguém sabe porque é que desapareceu, por volta de 1700 a. C. Talvez as cidades tenham sido abandonadas quando as terras deixaram de ser férteis devido à sobreexploração; ou talvez tenham sido dominados pelos arianos, que se sabe terem conquistado esta região por volta do ano 1500 a. C.

Hinduísmo:

Apoiado numa multifacetada devoção está a força criativa de Braman, o ser supremo. Os hindus acreditam que todas as criaturas vivas são partes de Braman: são centelhas de *atman*, ou vida divina, que se transmuta de um corpo para o outro, manifestando-se às vezes sob a forma de um inseto ou de uma planta, outras sob a forma de um corpo humano, tudo isto em função do seu *Karma*, ou acções passadas, que são a causa dos sofrimentos e alegrias, tal como surgem e desaparecem no decurso do *samsara* (o ciclo sem fim do nascimento e morte). Aos humanos é dada a oportunidade, através do conhecimento e devoção, de quebrar a cadeia do *Karma* e alcançar a libertação final. Nessa altura, o *atman* estará livre para regressar a Braman.

A força criativa do Universo é atribuída a Brama, como deus. O Universo depois de ter sido trazido à existência por ele, é mantido Vixnu e posteriormente aniquilado pelo deus Xiva, para depois ser criado, mais uma vez por Brama. Vixnu e Xiva são, respectivamente, as forças da luz e das trevas, da criação e da destruição, sendo Brama a força de equilíbrio que permite a existência e interações da vida. O cosmos é considerado como sendo, simultaneamente, uma realidade e uma ilusão (*maya*), uma vez que a sua realidade não é substancial, sendo personificada pela deusa Maya.

As raízes do hinduísmo remontam acerca de 4500 anos atrás, precisamente à civilização do vale do Indo, no entanto as suas tradições muito foram influenciadas pelo ritual dos arianos que invadiram esta região acerca de 3500 anos atrás. Os próprios Vedas, livro épico da religião hindu, foram compilados pelos arianos.

A China Antiga:

A civilização da China antiga desenvolveu-se no vale do Huang Ho, ou rio Amarelo. A agricultura das aldeias primitivas, que se estabeleceram por volta do ano 5000 a.C. baseava-se no cultivo do painço. Por volta de 2500 a.C. o arroz era cultivado no vale mais quente do rio Iansequião (Chang Jiang), bastante mais a sul.

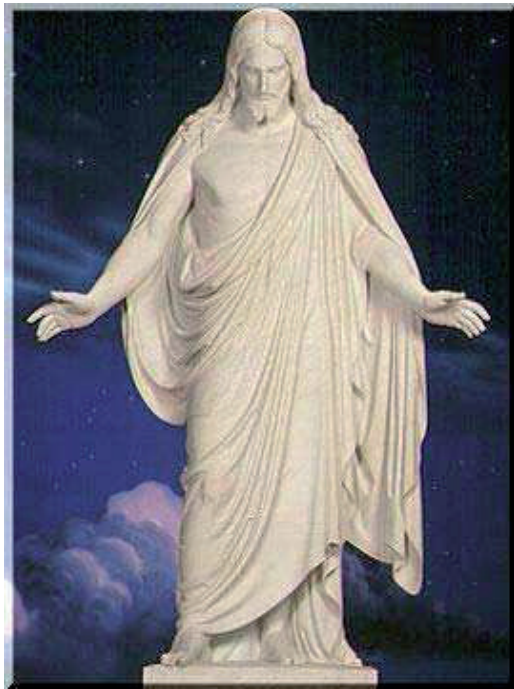
A dinastia Xia foi a primeira dinastia de reis a governar a China, entre 2000-1500 a. C. Neste período foram construídos grandes canais de irrigação para levar água até aos campos e os soldados usavam carros e armas de bronze.

Pensava-se que os reis chineses eram um elo de ligação entre o povo e os deuses. Se o rei governava com justiça e executava os rituais correctos, os deuses podiam cuidar dele e do seu povo, trazendo estabilidade e harmonia ao seu reino. Assim as primeiras cidades foram construídas como centros religiosos para rituais e cerimónias.

Na época da dinastia Chang, entre 1500 - 1050 a.C. havia muitas cidades na China, tais como a última capital Chang, Yin-Chu (agora Anyang). As cidades eram cuidadosamente planeadas por um sistema de quadrícula - um padrão seguido por todas as capitais chinesas posteriores. O povo organiza-se em graus de escalões sociais, que iam desde a realeza e a nobreza até aos escravos. Os antigos chineses eram muito hábeis na fundição do bronze - foram encontrados muitos recipientes de bronze, belíssimos, nos túmulos da dinastia Chang.

Embora a civilização chinesa se tenha desenvolvido 1000 anos mais tarde que as outras civilizações anteriores, mais a ocidente, não existe qualquer registro de contatos entre elas. Este isolamento modelou, desde então, a particularidade do espírito chinês.

Civilização Ocidental



Grécia Antiga

A Grécia antiga é considerada pela generalidade dos estudiosos como o berço da civilização ocidental. Como veremos de seguida o conhecimento e a forma de sociedade que aqui se desenvolveu justificam essa escolha.

Os Micénios, que dominavam esta região, por volta de 1400 a. C já tinham estabelecido entrepostos comerciais à volta do mediterrâneo oriental. No entanto depois do período de confusão que se seguiu à queda das cidades micénicas devido às invasões dos Dórios, a Grécia entrou na Idade das Trevas, época em que a civilização e a aprendizagem progrediram lentamente. Com o passar do tempo várias cidades-estados começaram a desenvolver-se outra vez. Estas agiam de modo mais ou menos independente e usavam todo o tipo de governos, da tirania à democracia.

Durante o chamado “período arcaico” (800-500 a.C.), os gregos começaram a demonstrar o seu dom especial para as artes, sobretudo na escultura e na cerâmica, que era elegantemente decorada com figuras a negro. O comércio conduziu os gregos através do mediterrâneo e, depois do século VIII a.C. começaram a instalar colónias no estrangeiro, tal como a magna Grécia, no sul da Itália.

Os Persas tentaram invadir a Grécia, mas foram repelidos nas Guerras Persas (500-450 a. C), quando as cidades juntaram forças, lideradas por Atenas e Esparta (a chamada Liga de Delos). Seguiu-se-lhe o que se chama a “idade de ouro” da cultura grega. Foi um período de grande prosperidade, acompanhado de progressos nas seguintes áreas:

- Filosofia: depois do saber retórico defendido pelos sofistas, mais para superação do oponente do que propriamente para chegar ao conhecimento, surgem uma série de escolas de filosofia tendo como expoentes máximos Sócrates, Platão e Aristóteles, havendo, no entanto, outras correntes como o epicurismo ou o zenismo. Embora nos venha logo à memória o ideal platónico estes filósofos, na sua generalidade, já apelavam a um saber mais prático e experimental.
- Matemática: a geometria plana desenvolvida por Tales de Mileto e o seu discípulo Pitágoras (que desenvolveu o famoso teorema de Pitágoras). Ou

ainda o prosseguimento da escola dos geómetras, já sob período alexandrino, através de Euclides e Arquimedes (através do seu princípio também trouxe grandes avanços para a hidrostática).

- Astronomia: também aqui Tales e Pitágoras desempenharam papel importante tal com Eratóstenes de Cirene ao medir com precisão considerável o tamanho da Terra. Hiparco desenhou os catálogos estelares mais célebres. Também os astrónomos gregos afirmavam que a Terra era o centro do Universo, exceção feita a Aristarco de Samos que foi o primeiro astrónomo a afirmar que a Terra girava à volta do Sol embora a ordem estabelecida tenha ridicularizado esta opinião.
- Medicina: com a sua fundação em Hipócrates que reconheceu que as doenças tinham causas naturais.
- Literatura: através de escritores trágicos como Ésquilo, Sófocles e Eurípides, e do dramaturgo cómico Aristofanes.
- Arte e arquitectura: com o seu expoente máximo no Partenon de Atenas construído em honra da deusa Atena e em memória aos mortos da guerra com os Persas.

Na Europa não houve sabedoria comparável à que os gregos desenvolveram, até esta ser redescoberta no Renascimento, 2000 anos mais tarde.

Com base nas reformas feitas por Sólon e mais tarde sobre a direção de Péricles (495-429 a.C.), Atenas desenvolveu um sistema evoluído de governo democrático (inclusive com assembleia e senado para aprovar leis). Mas a rivalidade com outras cidades-estados levou-a à brutal guerra do Peloponeso (431-404 a.C.) e à conquista de Atenas por Esparta. Em 338 a.C. os Macedónios sobre o comando do seu rei Filipe conquistam a Grécia. Alexandre Magno, filho de Filipe, dá continuidade à obra do pai e constrói um dos maiores impérios de sempre. Durante o período alexandrino implanta-se na Grécia o ideal enciclopédico (onde mais importante do que interligar a informação é retê-la). Quando os romanos a tomaram aos Macedónios em 146 a.C., a Grécia tornou-se parte do Império Romano.

A educação na Grécia Antiga:

Para falar da educação na Grécia antiga reportamo-nos aos seus dois casos mais paradigmáticos: Esparta e Atenas.

Esparta sendo uma cidade-estado bélica era também uma sociedade altamente extraditada. Tendo em conta estas características a educação visava criar homens audazes e austeros, para suportar a guerra, e mulheres com as mesmas características para estarem à altura dos seus maridos. Logo a partir dos sete anos de idade as crianças são educadas em estabelecimentos públicos com preponderância para a educação física e sem grandes distinções entre rapazes e raparigas. Depois de um serviço militar com início aos vinte anos de idade, e com quarenta anos de duração, só aos sessenta anos de idade é que os homens ingressam na vida pública, nomeadamente na política.

Já Atenas, aquando da sua evolução para um sistema democrático, adoptou uma educação mais literária. Depois de receberem a instrução elementar os jovens atenienses progrediam em áreas como a gramática, a aritmética e a equitação. Com um serviço militar de apenas dois anos de duração, dos 18 aos 20 anos de idade, finado este período o mancebo, como era chamado, podia-se procurar um mestre para se especializar numa área.

Mitologia Grega:

A mitologia grega segue a mesma linha de civilizações anteriores, há uma série de deuses sendo cada um patenteado com um elemento ou fenómeno da natureza ou até da sociedade. Na mitologia grega podemos apresentar como mais representativos os seguintes deuses:

- Dionísio: deus do vinho.
- Deméter: deus da agricultura.
- Ártemis: deusa da Lua, da caça e da castidade.
- Apolo: deus do Sol, da música e da poesia.
- Hera: deusa do casamento.
- Zeus: chefe de todos os deuses, deus supremo.
- Ares: deus da guerra.
- Hermes: mensageiro dos deuses e protetor dos rebanhos.
- Atena: deusa da guerra, da sabedoria e das artes.

- Poseidon: deus do mar.
- Hades: deus do inferno.
- Afrodite: deusa da beleza e do amor.
- Hestia: deusa do lar e do lume.
- Hefestos: deus do fogo (sagrado).

Roma

Os Romanos criaram a civilização europeia mais avançada do mundo antigo . Depois do colapso do Império Romano, as nações europeias esperaram um milhar de anos até poderem começar a equiparar-se às suas capacidades em termos de engenharia, planeamento das cidades, arquitetura, ciência, medicina e literatura. Os romanos, por seu lado, deviam muito do seu conhecimento e compreensão do mundo aos antigos gregos.

Alguns dos primeiros reis de Roma foram etruscos. Reinaram durante cerca de 250 anos, até serem derrotados e substituídos pela República Romana. A partir de então, Roma passou a ser dirigida por um governo de 300 ou mais senadores.

Roma começou a espalhar a sua influência por toda a península itálica. Ao derrotar Cartago nas três guerras púnicas (264- 146 a.C.), passou a controlar o Mediterrâneo.

Júlio César (100- 44 a.C.), o maior dos dirigentes romanos, estendeu o território na Europa Ocidental, durante um período perturbado da república, que acabou em guerra civil. A república foi então substituída por um governo de imperadores e o Império Romano encontrou a estabilidade. O século II d.C. foi a sua época de ouro.

No entanto, na altura, o cristianismo tornou-se uma força cada vez maior, embora tenha sido suprimido por vezes violentamente até ao reinado do imperador Constantino I (que reinou em 306 - 337 a.C.). Este mudou a capital de Roma para Bizâncio. O império ocidental, com base em Roma, caiu sob uma série de invasões dos Bárbaros, mas o império oriental sobreviveu e transformou-se no Império Bizantino.

Engenharia Romana:

Os engenheiros civis romanos desempenhavam um importante papel no planeamento das cidades: desenho de edifícios, construção de estradas e sistemas de drenagem. Entre os seus mais impressionantes monumentos, destacam-se os aquedutos. Faziam parte de um complicado sistema de transporte de água fresca para as cidades a partir das nascentes a muitos quilómetros de distância.

A educação em Roma:

A educação na antiga Roma dividia-se em três fases. Uma primeira, chamada “nitratós” no tempo da república e “ludimagister” no tempo do império, consistia no ensino elementar (aprender ler e a contar); uma outra designada “gramaticus” tinha início aos 12 anos de idade, comportava a evolução gramatical e o ensino da retórica, já com uma parte técnica de tratamento das leis jurídicas; por fim vinha o “rector” com início aos 17 anos de idade onde toda a prioridade ia para arte de se exprimir bem e para o ensino jurídico.

Cristianismo:

A religião romana consistia numa mitologia análoga à mitologia grega, em linhas gerais só diferiam os nomes dos deuses. No entanto o crescimento do cristianismo levou à sua implementação como religião oficial do Império Romano. Depois da queda deste ficou mesmo a vigorar, em Roma, um papado que detinha o poder sobre toda a Europa.

O cristianismo tem como base os ensinamentos de Jesus Cristo, pregador hebreu, que, segundo a Bíblia (livro sagrado dos cristãos), nasceu em Belém na Palestina, durante o período do imperador César Augusto, e era filho de Deus e da Virgem Maria. Jesus Cristo reuniu 12 apóstolos, que pregaram a sua palavra após a sua morte, no entanto o facto das suas doutrinas serem um incómodo para a ordem romana levaram os romanos a crucificá-lo.

Os cristãos acreditam num único deus que se apresenta sob três aspetos, ou pessoas: Pai, filho (Jesus) e Espírito Santo, que representa o poder atuante de Deus no mundo. Deus criou tudo o que existe no mundo e mostrou o seu amor pelo mundo ao vir à terra como Jesus, sofrendo e morrendo com o objetivo de proporcionar a salvação à

humanidade. Os cristãos acreditam que três dias após a sua crucificação e morte, Jesus ressuscitou devido ao poder de Deus, aparecendo muitas vezes aos seus discípulos, sob a forma corpórea, e que está presente e vivo no mundo através do Espírito Santo. Os cristãos aceitam ter de padecer e sofrer em virtude da sua fé, e esperam a recompensa da vida eterna na presença de Deus, que é prometida àqueles que têm fé em Jesus Cristo e vivem segundo os seus ensinamentos.

Idade Média

Por Idade Média compreende-se um período na história europeia situado entre a queda do Império Romano, no séc. V, e o Renascimento, no séc. XV. Entre as características que distinguem este período encontram-se a unidade da Europa dentro da igreja católica romana, a organização feudal das relações políticas, social e económicas e a utilização da arte para fins religiosos.

A Idade Média pode ser dividida em três subperíodos:

- A primeira Idade Média: entre os séc.V e XI, quando a Europa foi colonizada pelas tribos germânicas pagãs que adoptavam os vestígios e tradições das instituições romanas, foram convertidas ao cristianismo pela Igreja (que preservou a cultura latina depois da queda de Roma) e que depois fundaram reinos feudais.
- A alta Idade Média: séc. XII e XIII, que viu a consolidação dos estados feudais, a expansão da influência europeia durante as cruzadas, o florescimento da escolástica (conciliação entre a fé cristã e os ensinamentos da antiguidade) e dos mosteiros e o crescimento da população e do comércio.
- A baixa Idade Média: séc. XIV e XV, quando a Europa foi devastada pela peste negra e incessantes guerras, o feudalismo sofreu, transformou-se sob a influência da emergência dos estados-nação ainda incipientes quando se concretizaram novos modos de organização social e económica, assim como se realizaram as primeiras viagens de descoberta.

De referir que entre os estados que apareceram e se consolidaram durante a Idade Média estão países como Portugal, Espanha, França e Inglaterra.

Cruzadas:

As cruzadas englobam um conjunto de guerras levadas a cabo, entre 1096 e 1291, pelos governantes europeus, sob o patrocínio papal, contra os heréticos e os não-cristãos, nomeadamente e principalmente os muçulmanos, de modo a recuperar a Palestina. Por detrás desta pretensão para além dos interesses económicos e territoriais estava o fervor religioso. Nesta altura a unidade cultural imposta tanto de um lado como do outro levavam, tanto cristãos como sarracenos, a ter as suas convicções como a verdade absoluta. As coisas eram postas na medida numa luta entre o bem e o mal.

Feudalismo:

O feudalismo consistia na principal forma de organização social da Europa durante a Idade Média. Em termos gerais assentava na questão da propriedade das terras, estas eram posse dos nobres que eram merecedores da vassalagem e fidelidade dos vilãos e servos que trabalhavam nas suas terras. Por seu lado os senhorios deviam vassalagem aos monarcas governantes de cada estado. Deste modo conseguia-se, por exemplo, mobilizar exércitos para as batalhas. Durante esta fase também era normal cada estado jurar fidelidade ao poder papal, foi com esta promessa que Portugal conseguiu, inclusive, a sua independência em relação ao reino de Leão.

O feudalismo entrou em declínio a partir do séc. XIII quando o desenvolvimento do comércio e da indústria foram responsáveis pelo aparecimento de uma nova classe social, ativa e forte em termos económicos, a burguesia.

Educação na Idade Média:

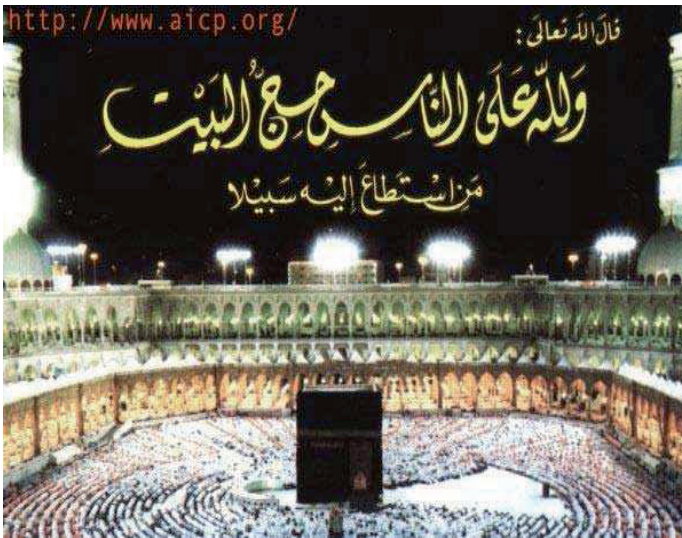
Numa altura em que as nações eram pouco estáveis e pouco confiantes politicamente e socialmente, a educação era assim pouco valorizada. É hoje certo que a pujança económica traz o apreço pela educação. Desta forma, na Idade Média, a

educação restringia-se às escolas clericais para o ensino do clero e das elites, e mesmo aqui a educação não passava dos rudimentos da leitura e escrita. O povo, esse permanecia invariavelmente inculto. A aprendizagem do manejo das armas, da cortesia às senhoras, e do xadrez era estendido ao cavaleiro da Idade Média, devido à sua responsabilidade perante as populações.

Muito por responsabilidade da doutrina criada pela igreja católica, a mulher era nesta altura secundarizada, a sua educação era aconselhada de forma rígida e sem muito espaço para liberdade, de forma a ocupar o seu espaço no seio da família.

Só mais tarde, no século XII, com a consolidação dos principais estados europeus, apareceram as primeiras universidades (Oxford, Bolonha, Paris), de modo a responder às novas necessidades de administração jurídica. Por arrasto apareceram também os primeiros colégios.

Civilização Islâmica



Império Islâmico

No séc. VII d.C. surgiu uma nova força através das terras anteriormente ocupadas pelas primeiras civilizações mundiais. Essa força era o islamismo, uma religião recém-revelada ao profeta Maomé (que viveu entre 570- 632 d.C.)

A partir da sua origem, nas cidades de Meca e Medina, o islamismo espalhou-se com uma incrível rapidez. No ano de 750 d.C., o Império Islâmico estendia-se do vale do Indo até Espanha. Os seus governantes, sucessores de Maomé, chamavam-se “califas”. O Império Islâmico depressa se tornou, assim, a base de um grande bloco civilizacional em termos mundiais - a civilização islâmica.

O califado de Muawiyah (661- 750 d. C.) baseava-se em Damasco. O califado abácida (750-1258 d. C.) governava a partir de Bagdade, mas por esta altura o império já se tinha dividido num numeroso grupo de califados independentes.

O islamismo reclamava para si a mesma origem ancestral que o judaísmo e o cristianismo e nos primeiros tempos era tolerante para com as religiões rivais. Entre os muçulmanos floresceram sábios cristãos e judeus, poetas e cientistas. No princípio, os governantes islâmicos adoptaram com satisfação os estilos dos seus novos territórios na sua própria arte e arquitectura - sobretudo os dos Bizantinos e dos Sassânidas. Mais tarde, contudo, desenvolveu-se um estilo islâmico característico.

No século XIII, o Império Islâmico, já enfraquecido pelas querelas entre os seus governantes e pelas investidas anteriormente feitas pelos cristãos nas cruzadas, foi incapaz de fazer frente ao assalto dos Mongóis que saquearam Bagdade em 1258. Mas o Império Muçulmano dos Otomanos em breve se erguia para preencher o vazio criado no Mediterrâneo Oriental.

A palavra de Deus:

O Islão partiu da doutrina pregada pelo profeta Maomé. Maomé nasceu em Meca em 570 d.C., e era um pastor comerciante casado com uma viúva, Cadija. Segundo a tradição islâmica recebeu as palavras do livro sagrado “Alcorão” do anjo Gabriel, no entanto devido às perseguições de que era alvo foi obrigado a iniciar a sua fuga, ou “Hégira”, que marca o início da era islâmica. É de realçar que o sistema

cronológico utilizado neste trabalho, para maior comodidade do leitor, é específico da civilização ocidental, no entanto outras grandes culturas, como a islâmica, têm um sistema cronológico próprio.

As crenças fundamentais do Islão estão contidas no Adan: “Testemunho que não existe nenhum Deus à exceção de Alá e que Maomé é o Profeta de Alá”. Outras crenças fulcrais para o Islão são a criação, o pecado original de Adão, os anjos e os jines (espíritos maléficos), Céu e Inferno, dia do Juízo Final, a predestinação de Deus para o Bem e para o Mal, e a sucessão das escrituras reveladas aos profetas, incluindo Moisés e Jesus. A forma final e perfeita das escrituras é o Alcorão ou “Qur’an”, dividido em 114 “suras” ou capítulos, que se diz ter sido transmitido a Maomé através da revelação divina do anjo Gabriel. Diz-se também que o original mantém-se ao lado do trono de Alá no céu.

Em termos de organização não existe nenhuma igreja ou clero organizados, embora se deva respeito aos popularmente reconhecidos homens santos, *mullah e yattollahs*, e aos descendentes de Maomé que, inclusive, formam a família real em muitos países muçulmanos.

Os cinco pilares do Islão:

Os cinco pilares do Islão consistem nos cinco deveres de todos os muçulmanos: repetir o **credo**, que afirma que Alá é o único Deus e Maomé o Seu profeta; **oração** diária ou salat; conceder **donativos**; **jejuar** durante o mês do Ramadão; e, desde que não esteja doente ou seja pobre, o *hajj*, ou fazer a **peregrinação** a Meca, pelo menos uma vez na vida.

O Império Otomano

O Império Otomano era um império islâmico fundado por - e daí o seu nome - Otman I, no séc. XIII. Tendo sido governado pelos seus descendentes nos 700 anos que se seguiram.

O Império teve a sua origem na Turquia, onde os Otomanos dominaram os velhos estados seljúcidas, que tinham sido invadidos pelos Mongóis. Em seguida, atacaram os territórios orientais do Império Bizantino, avançaram até aos Balcãs e cercaram a cidade de Constantinopla. O seu avanço na construção de um império, contudo, sofreu um revés temporário quando, em 1402, o conquistador mongol Timur derrotou o sultão Bayezid I (que governou entre 1338 e 1402).

Finalmente, em 1453, Constantinopla foi capturada por Mehmet II (que governou entre 1451 e 1481), e que foi chamado “o Conquistador”, mas que também foi poeta e académico e falava seis línguas. Constantinopla foi rebaptizada Istambul e tornou-se a capital otomana.

No final do século XV, os Otomanos tinham conquistado grande parte dos Balcãs. O Império Otomano atingiu a sua maior extensão no reinado de Selim I (que reinou entre 1512 e 1520) e do seu filho Suleimão (“o Magnífico”, que reinou entre 1520 e 1566). Selim I dominou o califado e, a partir dessa altura os governantes otomanos reclamam para si o governo espiritual do islamismo. No entanto, eles eram, geralmente, dentro do seu império, tolerantes para com as outras religiões.

Nesta altura, já o império incluía grande parte da Europa Oriental, da Ásia Ocidental e do Norte de África, e o almirante Khair ad-Din, conhecido como barba roxa (1466-1566), dominava o Mediterrâneo, com a sua esquadra Otomana. Contudo, depois da morte de Suleimão, iniciou-se o declínio. Os conflitos entre governantes otomanos deram, progressivamente, o controlo aos vizires (primeiros-ministros) e às tropas de elite, os janízaros. Durante o séc. XVIII, o império começou-se a desintegrar-se, mas só caiu realmente no fim da Primeira Grande Guerra, em 1924.

No entanto ainda hoje o islamismo se faz sentir como grande religião e cultura mundial, que é, agregando mais de 1 milhão de fiéis por todo mundo, mas com especial

incidência no Norte de África, Médio Oriente e ilhas do sudeste asiático (devido aos peregrinadores aí deslocados).

Arquitetura Islâmica:

A conversão de Santa Sofia, em Istambul (uma magnífica igreja bizantina), pelos Otomanos numa mesquita é um belo exemplo da arquitetura islâmica. Em 1619, o sultão Ahmet construiu muito perto uma mesquita com um plano idêntico. É conhecida como a Mesquita Azul, porque o seu interior está recoberto com mais de 20000 azulejos de belos padrões azuis.

Educação no mundo muçulmano:

A educação islâmica sempre foi muito demarcada entre sexos. Os homens eram preparados para assumir o cargo de chefe de família, podendo até casar-se com mais de uma mulher, e o papel de intervenção cívica. Já as mulheres eram educadas tendo em vista a responsabilidade e a seriedade de ser mãe numa família, algo que em muitos casos lhes dava e lhes dá pouco espaço de manobra. Devido à ordem socialmente rígida que vigora nos países islâmicos a educação em termos académicos não é muito valorizada. No entanto, é algo que começa a mudar em países, como por ex. a Turquia, que estando mais próxima do Ocidente e do fenómeno da globalização já tende a haver uma maior flexibilidade tanto na aposta na educação como na demarcação entre sexos. Já em países como o Afeganistão, com o regime fundamentalista dos Taliban, as coisas são bem mais complicadas neste aspecto, é que em alguns países islâmicos ainda há um estrito respeito aos valores religiosos o que impede uma maior mobilidade social.

Civilização Oriental



Índia e o surgimento do budismo

Para chegarmos às origens do budismo, força unificadora no Oriente, temo-nos de reportar à Índia do séc. VI a.C. onde os Arianos dominavam esta região desde a sua invasão há cerca de 1000 anos atrás. Os Arianos, adoptando a religião hindu, assentavam a sua sociedade na divisão em classes rígidas - as castas - é numa dessas castas que surge Siddhartha Gautama (563-483 a.C.), conhecido como Buda ou “o Iluminado”. Com origem nos seus ensinamentos o budismo, como veremos de seguida, rapidamente se tornou numa força na região.

Entre 326 e 325 a.C., Alexandre, o Grande, ocupou por pouco tempo o vale do Indo. Após a sua partida, um dirigente local chamado Chandragupta Maurya subiu ao poder e a dinastia Mauryana criou um império. No reinado do rei Ashoka (que reinou em 270- 232 a.C.), os Maurianos tomaram o controlo da maior parte do Norte da Índia. Contudo, por volta de 263 a.C., Ashoka aderiu ao budismo e renunciou à guerra, influenciando decisivamente a difusão do budismo na Índia, assim como no estrangeiro.

A dinastia Mauryana foi substituída pela dinastia Sunga, hindu, por volta de 183 a.C., após o que o império se dividiu em numerosos reinos. Estes enfrentaram um período de turbulência e invasões de muitos povos.

No ano I d.C., o chefe de uma tribo da Ásia Central, os Kushans, unificou o seu povo, invadiu a Índia e ocupou o vale do Indo e o Punjab. No tempo do seu grande rei Kanisha (provavelmente no século I d.C.), a forma de budismo Mahayana estendeu-se até à China através das Rotas da Seda, que eram agora controladas pelos Kushans. O comércio tornou-os ricos, mas também foi um período dominado pelos invasores de tribos do Norte.

Cerca do ano 320 d.C., um outro Chandragupta, governador de um dos mais pequenos reinos da região do Ganges, criou um novo império, que se estendeu ao longo do Ganges, o seu filho Samudragupta (que reinou em 335- 376 d.C.) alargou o império para incluir o vale do Indo.

Por esta altura, o Império Gupta era um dos mais poderosos e altamente desenvolvidos do seu tempo. É particularmente notável pela sua poesia e escultura serena.

O Império Gupta acabou no final do séc. V d.C., seguindo-se-lhe mais invasões de povos da Ásia Central, desta vez os Hunos Brancos. Depois do ano 700, algumas zonas do Norte de Índia foram conquistadas pelos governantes muçulmanos e mais, tarde, pelo Império Mogol. No entanto as sementes do budismo estavam definitivamente lançadas há muito.

Budismo:

O budismo tem a sua base nos ensinamentos de Siddharta Gautana. Nascido em 563 a.C. numa poderosa casta indiana, Buda, como é conhecido, abandonou aos 29 anos de idade a sua mulher, filho e uma vida luxuosa, isto com o intuito de escapar aos constrangimentos da vida material. Através de uma vida de meditação, “o Iluminado”, propôs aos seus seguidores a seguinte doutrina:

O eu é considerado impermanente, uma vez que está sujeito à transformação e ao declínio. É o seu apego a coisas que são, na sua essência, impermanentes, que causa a desilusão, o sofrimento, a ganância e a aversão. Estes sentimentos, por sua vez, originam o *Karma*, sendo reforçado o sentido do eu. As ações que conduzem ao altruísmo são consideradas como o “*Karma* conhecedor” e estão no caminho que conduz à iluminação. Nas Quatro Nobres Verdades, Buda reconheceu a existência de sofrimento e a sua causa e indicou a via de libertação através da **Nobre Óctupla Senda** (recta visão, recta intenção, recta palavra, recta ação, recto entusiasmo, recto esforço, recta atenção, recta concentração). O objetivo da Nobre Óctupla Senda é quebrar as cadeias do *Karma* e alcançar o desprendimento do corpo através da realização do **Nirvana**, isto é, da erradicação de todos os desejos e do aniquilamento ou dissolução do eu no infinito. É prestada uma grande devoção ao Buda histórico, sendo inclusive esperada uma nova reencarnação do mesmo para o ano 3000, no entanto a religião budismo recusa a existência de qualquer deus, apenas e só existe o todo infinito.

Em termos de organização o budismo sofreu várias divisões em que se contam: o budismo Teravada, o budismo Maayana, o budismo Zen e o budismo esotérico.

Impérios do Sudeste Asiático:

Juntamente com a China e o Norte de Índia, o Sudeste Asiático ocupava uma posição-chave nas rotas comerciais. Através dos comerciantes indianos, o hinduísmo foi

ali difundido por volta do ano I d.C. Os Khmers que dominavam aquela região formaram em 550 d.C. um império hinduísta que mais tarde se veio a transformar em budista (devido à força de propagação deste). Outros impérios hinduístas e budistas se formaram naquela região com o passar do tempo. Só no séc. XVI o Islão se conseguiu apoderar do império Hindu de Java, no entanto ainda hoje alguns países da região têm uma base, principalmente, budista.

A China:

Até ao séc. I d.C. a China havia sido governada por várias dinastias. Em termos filosóficos haviam surgido no séc. VI a.C. dois filósofos de influência duradoira: Confúcio (551- 479 a.C.) advogava um código de comportamento que se baseava na importância da virtude; Lao Tzé (604- 531 a.C.) é o semilendário fundador do taoísmo que ensinava que a coisa mais importante na vida é encontrar o *tau*, que significa “o caminho” - a harmonia da natureza, que dá origem a que o caminho certo do comportamento surja em todas as situações da vida. Tanto o confucionismo como o taoísmo iriam com o tempo implantarem-se na filosofia de vida dos chineses.

Depois da dinastia Han (202-220 a.C.), seguiram-se quase 400 anos de tumultos, enquanto o império chinês se dividia em três reinos (220- 65 a.C.). No entanto a China viria a ser reunificada durante a dinastia Tsin (265- 420 d.C.) por um curto período, antes de ser invadida por nómadas, no ano 316 d.C., sendo novamente reunificada durante a dinastia Sui (581- 618 d.C.). A grande muralha foi reparada e aumentaram os sistemas de canais. Foi uma época de modificações importantes. O budismo começou a implantar-se, através das Rotas da Seda, e o taoísmo ganhava importância. Lançaram-se as bases da dinastia Tang (618-907 d.C.), uma “idade de ouro” durante a qual o império se alargou da Coréia ao Turquestão. Taizong (que reinou em 627- 649 d.C.), um dos grandes imperadores da China, reintroduziu o sistema confuciano de seleccionar, através de exames, oficiais governamentais altamente treinados. Deste modo, pelo menos como princípio, a administração era dirigida pelos homens mais dotados da terra.

Seguiu-se um período de guerras durante as cinco dinastias e os dez reinos (907- 960 d.C.), mas a dinastia Song (960-1279 a.C.) trouxe uma era de renovada prosperidade. Foi uma época de grande espírito de inovação na exploração de minas, na

tecnologia da fundição do ferro e da cerâmica. Uma invenção importante foi o tipo móvel, que levou à impressão de livros e jornais e até de papel-moeda.

Este período terminou, brusca e dramaticamente, com outra invasão, desta vez pelos Mongóis. Novamente foi uma situação que sofreu um volte-face, pois em 1368 os chineses conseguem expulsar os Mongóis do seu território. Novamente, e até à chegada dos europeus, os chineses voltavam a ser donos do seu próprio destino.

Japão e Coreia:

As histórias da Coreia e do Japão estão intimamente ligadas à história da sua poderosa vizinha, a China. A Coreia foi invadida pela China em 108 a.C. e seguiram-se três reinos independentes de estilo chinês. No século VII d.C., o reino Silla colocou toda a península sob o seu domínio, até que as dinastias Sui e Tang, da China, o invadiram. A dinastia Koryo governou desde 935 d.C. até às invasões dos Mongóis. Depois de 1392, a dinastia Yi fez a sua capital em Hanyang (hoje Seul), adoptou um governo de estilo confuciano e sobreviveu até 1910.

O Japão foi unificado no séc. V pelo clã Yamato, que instalou uma corte de imperador estilo chinês em Nara. O budismo e o confucionismo foram introduzidos e coexistiram com o xintoísmo, a forma tradicional de adoração dos ancestrais.

A partir de então, o Japão tornou-se cada vez mais um estado de senhores de guerra, em competição e apoiados pelos samurais. Estes guerreiros eram o poder por detrás de Minamoto no Yoritomo (1147- 1199), que se tornou o primeiro xógum (ditador militar) em 1192, e fundou o xogunato Kamakura (1185- 1333).

Um período de guerra civil resultou na unificação em 1600, sob a direção de Tokugawa Ieyasu (1542-1616), que fundou o xogunato Tokugawa (1603-1867). Ele suprimiu os cristãos, cujo número tinha aumentado rapidamente desde a chegada dos missionários europeus em 1540, e isolou o Japão do resto do mundo. O seu clã governou durante 250 anos, nos quais a cultura japonesa floresceu no isolamento.

O mundo oriental:

A cultura oriental foi feita de uma fusão entre a grande força unificadora que era o budismo e as tradições e cultos locais (caso do confucionismo e taoísmo na China e do xintoísmo no Japão). Os belos mosteiros budistas espalhados um pouco por todo

lado são o exemplo disso. Quanto à educação oriental esta foi feita através de um estrito sentido de respeito pelo dever e honra, quer individuais quer da comunidade. Os orientais também não esquecem a sua ligação à natureza bem como a veneração pelos seus antepassados. Na cultura oriental, os mais velhos são sinónimo de grande respeito.

No entanto, como veremos mais à frente também a cultura oriental não tem escapado aos efeitos do mundo atual.

Outras Culturas



Enquanto as civilizações anteriormente tratadas se desenvolviam, paralelamente, evoluíam outras culturas nos seguintes pontos do globo:

- América do Norte: os índios-caçadores Pés-Negros, Cheienes, Comanches; Crow e Sioux.
- América Central: as civilizações Olmeca, Maia e Tolteca, com o seu apogeu durante o período Maia por volta do ano 300 d. C. Os Maias eram excelentes matemáticos e astrónomos tendo inclusive um calendário próprio. Posteriormente a civilização Asteca também se tornou bastante desenvolvida em vários aspetos - construção, irrigação, tecelagem, artes e escultura.
- América do Sul: a civilização Inca, cujo seu império se sobrepôs a outras culturas da região anteriormente dominantes.
- África: onde várias tribos deram, a partir do séc.VIII, origem a impérios de cultura primitiva como o Império do Gana, o Império do Mali, o Império de Songhai ou o Império do Zimbabwe.
- Austrália e ilhas do Pacífico: os Aborígenes, com a sua curiosa mitologia do sonho retratavam na pedra temas como os mitos da criação e os sonhos.

Torna-se óbvio verificar que neste trabalho estas culturas não têm concedido o mesmo espaço das civilizações anteriormente retratadas. No entanto, não há aqui qualquer intenção de discriminar estas culturas, pelo contrário, é reconhecido por todos a riqueza que estas culturas alcançaram em muitos aspetos e tão vasto é o conhecimento que ainda hoje têm para oferecer aos estudiosos da matéria. No entanto, como veremos mais à frente, o espaço de influência destas culturas é relativamente limitado não só pelo espaço que ocuparam naturalmente mas também pelo colonialismo que em alguns casos quase dilacerou estas culturas, e isso faz a diferença em relação a grandes blocos civilizacionais que se conseguiram impor, como as civilizações Ocidental, Islâmica e Oriental. É verdade que hoje há alguns vestígios da cultura Maia ou Aborígene que chegam até nós, e isso é próprio do período que vivemos atualmente, no entanto, como compreenderão mais frente, a ideia base do trabalho adequa-se à forma como este está estruturado.

Dos Descobrimentos aos dias de hoje



Século XV

Com o séc. XV inicia-se uma série de transformações a nível social e político que vão ser decisivas na história de toda a Humanidade. Embora estas mudanças tenham partido da Europa, a sua influência, como iremos ver, será a nível global.

Os Descobrimentos:

Com o intuito de procurar novos produtos para o comércio, com a ânsia de conhecer novos mundos e devido ao espírito de cruzada para combater os infiéis, Portugal inicia em 1415, com a conquista de Ceuta, a Era dos Descobrimentos Europeus. Fazendo uso das novas técnicas de navegação recorrentes na época (aperfeiçoamento da bússola, astrolábio, recurso a experientes cartógrafos) os portugueses durante todo o séc. XV conseguem cartografar toda a costa ocidental africana. Em 1487, através do navegador Bartolomeu Dias, chegam mesmo a dobrar o cabo da Boa Esperança, tendo tudo isto culminado com a descoberta do caminho marítimo para a Índia em 1498 por Vasco da Gama. Pelo meio os portugueses estabeleceram contatos tanto com africanos, como com árabes, como com indianos, apoderando-se de novas rotas comerciais. De notar ainda que em 1500 Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil.

No entanto havia outra potência europeia na corrida ao Oriente, a Espanha, com esse objetivo chega em 1492, por equívoco, à América, através do navegador genovês Cristóvão Colombo. Dando-se aí o início da colonização americana. Esta disputa luso-espanhola leva mesmo em 1494 o Papa a dividir, com o Tratado de Tordesilhas, o mundo em duas partes, uma com direito de exploração para Portugal, outra com direito de exploração para Espanha.

Embora alimentados por motivos económicos e religiosos, os descobrimentos são de um significado extremo para a Humanidade. É o encontro de povos, de culturas, de civilizações, é o embrião do momento que vivemos atualmente.

O Renascimento:

A Europa do séc. XV é uma Europa em mudança. Uma nova classe social, a burguesia, que aparece devido ao comércio e a nova indústria aposta no investimento num novo tipo de conhecimento, ao mesmo tempo as nações tornam-se mais estáveis economicamente e politicamente e elas próprias começam a investir nas artes e ciências. Dá-se uma invasão de conhecimento novo devido aos Descobrimentos e aos homens de saber que chegavam de recém-destruído Império Bizantino. Finalmente, através de Jules Gutenberg dá-se a difusão da imprensa que torna as novas ideias bastante mais acessíveis a todos devido à vulgarização do livro.

Assim e principalmente num período a que os historiadores chamam de “Renascimento Pleno” (1490-1520) aparecem uma série de vultos como Leonardo Da Vinci, Rafael, Miguel Angelo e Bramante que revolucionam o panorama artístico e científico. O Renascimento estende-se por um período de tempo maior em muitos países europeus. No entanto é nesta altura que atinge o seu ponto alto, em Itália, devido à ação dos mecenas que financiavam os vultos renascentistas. Literatura, pintura, escultura, arquitectura, nada voltou a ser como na Idade Média.

Entre as principais características do Renascimento contam-se a cultura humanista e clássica. Não se recusa totalmente a fé em Deus, no entanto este deixa de estar no centro de todas as atenções passando esse lugar a ser ocupado pelo próprio Homem, algo que representa uma mudança radical na ordem estabelecida até então. Em paralelo há uma recuperação da cultura e conhecimento da antiguidade, em particular da antiga Grécia e antiga Roma, tentando-se conciliar este conhecimento com a ideologia humanista.

A recuperação do saber da antiguidade dá-se também ao nível da educação, aliás a partir desta altura, a educação, com o florescimento das universidades e colégios e com o surgimento de uma série de pedagogos (ex. Rabelais), vai adquirir um cariz cada vez mais importante tendo mesmo como função responder às necessidades da sociedade. O indivíduo culto volta novamente a ser admirado e requerido.

Século XVI

No séc. XVI continua a epopeia de portugueses e espanhóis “por mares nunca dantes navegados”. Os portugueses chegam mesmo à China e ao Japão (1542) e aventuram-se em expedições pelo Tibete. Os espanhóis apostam na colonização das Américas, contribuindo para a dizimação tanto dos Astecas, na América Central, como dos Incas, na América do Sul. Muitas vezes os povos ocupados ou oprimidos são feitos escravos, devido à dificuldade de flexibilização de posições ainda existente. O navegador português Fernão de Magalhães faria a primeira viagem de circum-navegação à volta da Terra, tirando todas as dúvidas acerca da forma do nosso planeta. No entanto outros acontecimentos dignos de nota vão-se passar no séc. XVI.

A Reforma:

No início do séc. XVI, a igreja católica estava a precisar de uma importante reforma. O papado tinha-se tornado num centro de poder político em Itália, muitos membros destacados do clero estavam mais preocupados com o poder temporal e uma certa baixeza imperava nos padrões de comportamentos moral. Com estes exemplos, o clero paroquial mostrava pouco interesse na espiritualidade. Por outro lado, o ensino religioso praticado fora das universidades era pobre e mal orientado.

Assim movido pelo espírito renascentista, Martinho Lutero, sacerdote alemão dedicou-se ao estudo de textos bíblicos e facilmente concluiu que a correcção moral não era fruto de um conjunto de boas acções ou qualquer esforço, mas sim, uma dádiva de Deus. Isto mostrava bem as incongruências da igreja que, nomeadamente, pedia aos seus fiéis avultadas quantias em dinheiro. Atacando precisamente este facto, Lutero publica no dia de Todos os Santos de 1517 as suas noventa e cinco teses. Um enorme movimento se formou à volta de Lutero, incluindo na nobreza alemã. Não tendo força suficiente para parar o movimento o papado e Carlos V, imperador do Sacro Império Romano Germânico, foram incapazes de impedir a formação da igreja luterana.

Indo pelo mesmo caminho outros países europeus foram responsáveis pela criação de igrejas protestantes. Ulrich Zwingli na Suíça, Calvino na França, Henrique VIII em Inglaterra e a adesão dos países nórdicos e dos Países Baixos ao luteranismo faziam desmoronar o poder papal.

Através da Contra-Reforma o papado ainda conseguiu conter o alastramento do protestantismo, principalmente nos países latinos. Os jesuítas e a Inquisição seriam as principais armas utilizadas por Roma para esse efeito, no entanto a sua esfera de influência ficava desde já bastante reduzida.

Aplicando uma significativa reforma na teologia católica o protestantismo desafiou pela primeira vez a autoridade papal dentro das fronteiras ocidentais. Depois disso a influência do Vaticano nunca mais seria a mesma e as constantes divisões entre cristãos iria levar a uma progressiva fragmentação do conceito de Deus e de Homem que se mantém até hoje.

A Teoria Heliocêntrica:

Outro choque na cultura europeia vigente até ao séc. XVI foi a teoria heliocêntrica de Nicolau Copérnico. Copérnico, astrónomo polaco, afirmou em 1540 que a Terra era um simples planeta, sendo a Lua o único corpo celeste a girar à sua volta. Já a Terra tinha uma órbita de translação à volta do Sol. Esta teoria era outro desafio à ordem católica, visto que esta defendia que a Terra era o centro do Universo, e isso valeu a Copérnico morrer pelas mãos da inquisição. No entanto a sua teoria obrigou a uma revisão fundamental da visão antropocêntrica do Universo. Mais tarde ou mais cedo os homens perceberam que o seu mundo não é o centro de todas as coisas.

Já no séc. XVII a teoria heliocêntrica foi demonstrada pelo astrónomo italiano Galileu Galilei, através dos movimentos dos planetas, para isto foi essencial a sua invenção, o telescópio astronómico. Galileu ficou ainda conhecido por ter descoberto as quatro maiores luas de Júpiter (Ganimedes, Calisto, Europa, Io).

Século XVII

O séc. XVII foi marcado pela entrada de outras potências europeias no processo dos Descobrimentos. França, Inglaterra e Holanda apostaram forte no Pacífico não descuidando, porém, outras regiões, como por ex. as Américas, África e Oriente, onde também interpõem colónias. Portugueses e espanhóis, com os respectivos impérios a entrar em decadência, continuam a colonização e evangelização de territórios. Aliás a

Inquisição atuava em todo lado, metrópoles e colónias, na tentativa de defender a fé católica. Era mesmo conferido aos monarcas, que se mantivessem fiéis a Roma, um poder absoluto. E de facto o séc. XVII foi o século dos regimes absolutistas. O estado era o rei.

Como veremos de seguida, na análise do séc. XVIII, os regimes absolutistas já tinham, porém, pouco espaço de manobra.

Em termos científicos é de ter em conta os trabalhos do físico inglês Isaac Newton, que estabeleceu as bases da física como disciplina moderna. De 1665 a 1666, descobriu o teorema binominal, o cálculo diferencial e integral, e a composição da luz branca por diferentes cores. Desenvolveu as três leis standart do movimento e a lei universal da gravidade, descrita no seu livro *Principa* de 1687.

Os Filósofos:

Depois destes avanços dados na área do conhecimento científico, e mesmo no domínio social, tornava-se difícil suportar uma visão de Deus e do Universo assente na teologia católica ou em qualquer outra teologia religiosa restrita. René Descartes, para muitos o pai da filosofia moderna, defende um Universo explicável pela matemática e pela física, defendendo, porém, a existência de Deus e da dualidade cartesiana (espírito e matéria). Na mesma linha Baruch Spinoza defende um Universo panteísta racionalista, estando Deus em tudo o que é Natureza. O bem e o mal, por sua vez, são pertença do relativo e não do absoluto.

O relativismo ganha força e o absolutismo dos dogmas vai aos poucos caindo por terra. A crença religiosa começa a sofrer um ajustamento àquilo que é a realidade relatada pela ciência.

Século XVIII

O Iluminismo e as revoluções:

Com os avanços na ciência moderna (matemática, astronomia, física, química e medicina), ocorridos na época, os velhos dogmas sociais e religiosos vão caindo por

terra. Os pensadores do iluminismo, movimento intelectual que atingiu o seu auge neste século, acreditavam, precisamente, no progresso social e nas capacidades libertadoras do conhecimento racional e científico. Entre os principais vultos iluministas encontravam-se Voltaire, Gotthold Lessing e Denis Diderot, que advogavam mesmo a educação como a libertação do condicionamento a que o povo era sujeito, nomeadamente por parte da religião, que mantinha a mente humana aprisionada à superstição, isto, segundo estes pensadores.

Opondo-se à Inquisição e aos regimes absolutistas em vigor, o movimento iluminista acabou por culminar com a revolução americana (independência das colónias norte-americanas face à Grã-Bretanha) em 1776-1783, e com a revolução francesa, que implementou a república em França, em 1789. Estas revoluções foram assim justificadas, embora tendo outros motivos, à luz dos princípios iluministas e dos direitos humanos naturais. As constituições francesa e americana consequentemente aprovadas consagram os direitos e deveres de cidadania, bem como as regras de funcionamento do estado. Princípios como liberdade e democracia tiveram aqui a sua implementação no mundo moderno.

Embora estes acontecimentos sejam um marco de referência há dois pontos a ter em conta:

- Já antes, Islândia e Grã-Bretanha faziam uso de um parlamento com participação popular.
- As revoluções liberais acabaram por se alastrar a outros países, como por exemplo, Portugal, em 1820.

A Revolução Industrial:

Na Segunda metade do séc. XVIII dá-se na Grã-Bretanha uma súbita aceleração do desenvolvimento técnico e económico. A tradicional economia agrária foi substituída por uma economia baseada na maquinaria e manufatura, tornada possível graças aos avanços técnicos. Tal situação fez oscilar o poder político do proprietário de terras para o capitalista industrial e criou uma classe trabalhadora urbana. A partir de 1830 e até ao início do século XX, a revolução industrial espalhou-se por toda a Europa, Estados Unidos, Japão e algumas colónias imperiais.

Avanços técnicos decisivos para a revolução industrial:

- Invenção da máquina de semear, em 1701, por J.Tull.
- Fundição do aço, em 1740, por Huntsman.
- Primeiro tear inteiramente mecânico, em 1745, por Vaucanson.
- Máquina a vapor, em 1767, por J.Watt.
- Barco a vapor, em 1769, por Cugnot.
- Vacina contra a varíola, em 1796, por Jenner.
- Máquina debulhadora a vapor, em 1803.
- Locomotiva, em 1814, por Stephenson.
- Ceifeira mecânica, em 1824, por MacCormick.
- Primeiro caminho-de-ferro na Inglaterra, em 1825.

Embora a Grã-Bretanha tenha tido uma combinação de circunstâncias favoráveis a tal mudança como: população crescente (mais força laboral), recursos naturais, matérias-primas e mercado em expansão (principalmente devido às colônias), sistema monetário forte, sistema político equilibrado e investimento significativo na tecnologia. O que é essencial reter é que com a revolução industrial a produção rápida e em massa tornou-se possível, as sociedades urbanas ganharam força tal como a economia liberal. Os avanços tecnológicos possibilitaram um avanço frenético, cada vez maior, no conhecimento.

Século XIX

O mundo em mudança. É a melhor expressão para caracterizar o séc.XIX: a Revolução Industrial espalha-se por todo o lado; o princípio do fim dos grandes impérios coloniais começa com a independência das colônias latino-americanas; nas artes novos estilos sucedem-se, depois do romantismo surge o realismo; na educação novos vultos (Rosseau, Froebel) apelam a uma educação ativa e lúdica; com tantos avanços na ciência instala-se o positivismo na comunidade científica e na sociedade em geral.

A humanidade teve aqui a sua fase de impertinência, ao pensar que a tudo podia chegar.

A teoria da evolução das espécies:

Charles Darwin, cientista inglês, após pesquisas feitas na América do Sul e nas ilhas Galápagos, entre 1831 e 1836, formulou a teoria moderna da evolução das espécies através do princípio da selecção natural.

No seu livro de “The Origin of Spicies” de 1859, a teoria da selecção natural refere-se à variação existente entre elementos de uma população que se reproduzisse sexualmente. Segundo Darwin, os elementos que apresentassem mecanismos de melhor adaptação ao ambiente seriam aqueles que mais provavelmente sobreviveriam e procriariam, passando estas características favoráveis à sua descendência.

O darwinismo com o tempo veio a sofrer algumas adaptações pelos neodarwinistas, no entanto sendo, pelo menos à primeira vista, contraditório com o criacionismo relatado por cristãos e muçulmanos, a teoria da evolução das espécies foi mais um rombo no senso comum.

A dialética marxista:

O séc. XIX não haveria de passar sem ficar marcado pela formulação da teoria marxista por Karl Marx, filósofo, sociólogo e economista alemão. Marx defendia que não é a vida que é determinada pela consciência, mas sim, a consciência que é determinada pela vida. É a sucessiva luta de classes, os acontecimentos económicos, os conflitos, que influenciam os homens. Não há nenhuma ordem nem essência logo à partida presente no mundo.

Embora a teoria marxista seja alvo de bastante controvérsia, e futuro fator agitador por todo o mundo, marca logo aqui pelo facto de ser a primeira vez que alguém põe em cheque, de forma consequente, a questão de haver um sentido na existência, algo que era geralmente aceite de uma forma ou de outra.

Muitas divisões viriam a ocorrer entre marxistas, desde os anarquistas até aos sociais-democratas (com outras influências), passando pelos comunistas.

Século XX

Quando olhamos para o séc. XX este aparece-nos como uma imensidão de coisas para contar. É natural, é o século que está mais próximo de nós, as suas memórias chegam-nos dos mais variados aspetos. No entanto, e admitindo plenamente que foi um século particularmente fértil em mudanças (ao nível social, político, económico, científico e cultural), este trabalho não tem como função contar a História, mas sim captar os seus contornos gerais para poder tirar ilações acerca disso. Assim, mantendo a mesma coerência com que foram tratados momentos anteriores da História, serão relatados os aspetos que me parecem mais importantes de realçar da marca do séc. XX na História da Humanidade. Correndo, é claro, o risco do leitor achar os conteúdos demasiado resumidos.

A Sociedade:

Com o florescimento das teorias marxistas no início do século, em paralelo com o crescimento de uma economia liberal, foi originado um equilíbrio de forças entre o bloco ocidental, liderado pela nova potência mundial E.U.A, e o bloco soviético, partidário do marxismo. Este equilíbrio de forças ocorreu após o fim da II Guerra Mundial (1939-1945) e estendeu-se até à década de 90, acabando com o desmoronamento do bloco soviético. Pode-se dizer que isto terá sido o canto de cisne daquilo que restava de convicções ou ideologias no mundo. Hoje num mundo globalizado, fomentado pelos meios de comunicação social criados, com uma economia de mercado visando essencialmente o lucro, pouco espaço resta para as convicções, principalmente aos mais altos níveis atua-se geralmente segundo interesses. Não é que isto esteja errado e sabemos bem que por todo o mundo há focos de instituições políticas, humanitárias ou mesmo religiosas que continuam a atuar segundo certos princípios (havendo mesmo conflitos em muitos desses casos). Apenas descrevo aqui a dinâmica geral da atual sociedade, em larga escala.

Por outro lado, o encontro de culturas, a explosão do conhecimento, a possibilidade de circular a informação de forma rápida a nível global originou um bombardeamento de informação que levou à fragmentação do conceito de Homem e a uma consecutiva crise de identidade.

A sociedade atual criou conceitos como o bem-estar, lazer, havendo na vida dos cidadãos uma lógica de procura de felicidade. Isto é bastante significativo, até mesmo do ponto de vista filosófico. No entanto tudo isto está assente num modelo de sociedade, que por outro lado originou graves conflitos com por ex.: a substituição do estado pelo mercado; a desertificação do espaço rural; grandes assimetrias sociais; a insegurança nas sociedades urbanas; destruição dos últimos mitos da criação e consecutiva recriação do Homem pelos média; associação criminosa; dificuldade em lidar com o poderia tecnológico e científico existente.

Factos marcantes neste século:

- Criação e expansão dos média (televisão, rádio, jornais), mais recentemente a Internet através do desenvolvimento da informática.
- Fim do colonialismo e consequente independência de inúmeros estados por todo o mundo. Expansão dos sistemas democráticos. Laicização dos estados – separação Estado/Igreja.
- Teoria da relatividade: por Einstein, mostrando o carácter relativo da relação tempo/espaço ao contrário do que afirmava a teoria de Newton. Mais tarde Einstein demonstrou também a relação da massa dos corpos com o espaço e com o tempo.
- Na psicologia: a teoria behaviorista, embora rudimentar para explicar o comportamento humano, teve o condão de contrariar o fatalismo da hereditariedade. Posteriormente as teorias cognitivistas realçaram o facto de haver a influência de processos cognitivos no comportamento humano, e de este se construir numa interação organismo/meio. Especial atenção para os trabalhos do psicólogo francês Jean Piaget.
- A psicanálise, por Freud, vem-nos dizer que há processos inconscientes que influenciam o homem. Jung vai mais longe e fala em inconsciente colectivo.

- I e II Guerras Mundiais, com o aparecimento de meios de destruição maciça, nomeadamente armamento químico, biológico e nuclear.
- Declaração dos Direitos do Homem. Criação das Nações Unidas.
- Através da física quântica cria-se a perceção de possíveis realidades alternativas, vulgarmente designadas como universos paralelos. As probabilidades substituem as certezas na ciência.
- Início da exploração espacial, primeiro homem na Lua, comunicações via satélite.
- Criação dos sistemas educativos para as massas, visando uma sociedade em progressão, atendimento à educação compensatória.
- Surgimento de inúmeros movimentos culturais abordando os mais diversos temas. Massificação da cultura.
- Surgimento de novos movimentos espirituais, como o New Age, alguns defendendo uma conciliação racional entre fé e ciência.
- Desenvolvimento do processo de clonagem, levantando muitas questões de ordem ética e moral.
- Decodificação do genoma humano, mostrando que à partida a única identidade presente no código genético é a identidade humana.

Hoje, vivemos os primeiros dias do séc. XXI, herdámos aquilo com que se concluiu o séc. XX. Assim gostava que retessemos os seguintes pontos acerca do momento atual:

- Sociedade global.
- Crise de identidade.
- Possibilidade de autodestruição.
- Perceção de realidades alternativas/ exploração de novos mundos.
- Sociedade de lazer.

Discussão

Conclusão

No espaço que se segue será utilizado um sistema de metáforas para expressar uma ideia que me parece estar latente na evolução do Homem: *Existe um paralelismo entre a evolução do Homem/espécie e a evolução do homem/indivíduo*. Essa evolução parte de um estado primitivo, segundo os nossos padrões, e dá-se num sentido de uma cada vez maior consciência. Como podemos operacionalizar o termo consciência? Precisamente pela percepção que o Homem/homem vai tendo de si mesmo e do mundo que o rodeia.

Vejamos, após o aparecimento das primeiras civilizações e da criação do conhecimento básico, surgiram grandes vultos (Buda, Jesus Cristo, Maomé), as suas doutrinas, bem ou mal interpretadas, deram origem a dogmas que constituíram a base de grandes blocos civilizacionais. Com o decorrer da evolução de cada civilização, com o encontro de culturas, com a explosão de conhecimento, os grandes dogmas caem por terra e origina-se uma sociedade globalizada, mas ainda caracterizada por conflitos como a crise de identidade, advinda da entrada de tanto conhecimento novo que se torna difícil de interligar. É como se cada um, após uma fase de criação da linguagem, tivesse sido educado na sua própria casa segundo as regras desta. Mais tarde com a descoberta do mundo e de si mesmo, chega ao indivíduo uma série de conhecimentos novos que nem sempre é possível adequar àquilo lhe tinha sido previamente estabelecido, daí o sintoma de crise.

Numa primeira fase o Homem era dominado por uma cultura animista e panteísta. Em tudo se via manifestações divinas, os deuses estavam ligados a elementos naturais, a natureza era ela própria dotada de personalidade pelo Homem. Foi também nesta fase que apareceram as primeiras civilizações e os conhecimentos básicos em várias áreas (linguagem, matemática, arquitetura, etc.). No início da fase de evolução do indivíduo a que vulgarmente chamamos infância, o indivíduo toma consciência de si, parte à descoberta do mundo, adquire um repertório de conhecimentos básicos. Mas a sua mente é caracterizada por processos psicológicos, como o animismo (atribui vida a qualquer objeto), que se refletem no seu comportamento.

A humanidade estava assim numa fase em que começava a progredir no conhecimento (ex. Grécia Antiga), no entanto surgem vultos, como Buda, J.Cristo, Maomé. As suas doutrinas, explicativas do mundo e da relação, entre homens, e entre homens e meio, originaram dogmas que se serviriam de unidade cultural e política para

a construção de grandes blocos civilizacionais. Os deuses foram substituídos por Deus, ou pelo todo indivisível (no caso hinduísmo/budismo). Termos, como o bem e o mal, são da ordem do absoluto, uma vez que cada civilização vê a sua cultura como a verdade absoluta. Na criança quando se parte à descoberta do mundo, esta absorve um conjunto de normas e regras que lhe são transmitidas pelas instituições e pelos adultos. Nesta altura, as estruturas cognitivas da criança apenas lhe permite ver a regra como algo obrigatório e intocável. Processos como o animismo são ultrapassados, a criança sabe agora que o sol não tem vida mas toma isso como uma regra incontornável sobre qualquer ponto de vista. A sua posição é a correta e ela julga-se o centro de todas as atenções: o egocentrismo. Lembram-se do Homem colocar a Terra como o centro de todo o Universo?

É pertinente, já nesta altura, pensar em algo de mais consistente que apoie esta exposição. Mais à frente serão dados quatro fatores que orientam a evolução da Humanidade neste sentido. Mas se quisermos pensar em termos de raciocínio lógico, façamos a seguinte pergunta: Porque que é a linha de evolução do indivíduo se assemelha, em termos do seguimento dos processos psicológicos, à linha de evolução da espécie? Nos dois casos são comuns as características inerentemente humanas de evolução psicológica, nos dois casos observa-se um processo de maturação psicológica. Se a evolução do Homem se dá no mesmo sentido da evolução do homem (uma cada vez maior consciência) então é natural que ambas as linhas passam por processos semelhantes, não sendo processos obrigatoriamente idênticos. Chamo a atenção para a seguinte simbologia: *a evolução psicológica da espécie e a evolução psicológica do indivíduo são duas retas paralelas, no entanto, num gráfico, duas retas paralelas não coincidem em todas as coordenadas*. Mas assim será suposto existir uma estrutura psicológica ao nível da espécie humana, onde se processa a evolução da mesma? Já lá iremos.

Prosseguindo a exposição, as grandes civilizações humanas continuaram apegadas aos seus dogmas durante muito tempo. Com a própria evolução de cada civilização, com o contato com outras culturas, deu-se uma expansão no conhecimento acerca do próprio Homem e do Universo em que este se insere. Desta forma, muitas das antigas crenças tornaram-se insustentáveis ao mesmo tempo que o conhecimento novo começava a entrar a uma rapidez frenética, isso levou a uma sucessiva fragmentação do conceito de Homem e a uma consequente crise de identidade a que se associou a

relativização dos valores. A crença religiosa começa a sofrer um processo de adaptação à ciência. Por sua vez o modelo em que assenta a atual sociedade e o facto de por todo o mundo haver instituições resistentes a certos princípios levou à existência dos conflitos com que nos deparamos hoje. Podemos estabelecer uma analogia com aquela fase da nossa evolução que se segue à infância, a que nós chamamos de adolescência, o indivíduo desperta ao conhecimento de si próprio e do meio, contata com outros valores e com outros sujeitos diferentes dos que estava habituado. Muito daquilo que lhe tinha sido condicionado caíe por terra, e todos nós sabemos como são frequentes as crises e os conflitos nesta idade embora o grau e a frequência variem de indivíduo para indivíduo. Nesta altura, o indivíduo ganha processos psicológicos como o pensamento hipotético-dedutivo ou como o pensamento abstracto, adquire preocupações com a sua felicidade ao mesmo tempo que se apercebe da possibilidade de acabar com a sua própria vida. Será que a Humanidade não estará a ganhar, enquanto espécie, a sua capacidade hipotética- dedutiva e de pensamento abstracto ao ponderar a existência de outras realidades, de outros universos? Não será a sociedade de lazer a preocupação da Humanidade com sua própria felicidade? Eu acredito que sim e mais óbvio é, que todo o poderio militar entretanto criado representa a nossa capacidade em acabar com nós mesmos, vamos admitir, é um perigo bem real.

Se a Humanidade ultrapassar estes conflitos terá tendência a cristalizar uma cultura a nível global, e isso será o seu estado adulto, resta saber como o fará! Se será uma civilização pacífica e fraterna, ou se será uma civilização beligerante ávida a procurar poder e riqueza em novos mundos. O facto de ultrapassar os atuais conflitos não garante que se caminhe para o tão idealizado paraíso. Tal como na evolução do indivíduo a forma como se resolve os conflitos pós-infância em muito determina a personalidade do adulto. Nessa altura, o Homem deverá delimitar onde, para si, acaba a moral e começa a ética. A globalização é inevitável, mas poderá ser feita de diferentes maneiras.

A humanidade é uma pessoa colectiva a evoluir.

Por enquanto tudo o que podemos dizer é que o aparecimento do Homo Sapiens Sapiens se revelou bastante significativo no processo de evolução da vida no planeta Terra. Pela primeira vez apareceu uma espécie que passou de uma lógica de sobrevivência para uma lógica de bem-estar e crescimento interior. Esta mesma espécie pode ainda vir a adquirir outros padrões de comportamento ou quem, sabe, originar

outra espécie que oriente o seu comportamento segundo outro ponto de vista. Quem sabe?!

Fatores que influenciam a evolução da Humanidade:

- **Potencial hereditário:** O nosso genoma confere-nos uma série de potencialidades em várias vertentes. São essas potencialidades que nos distinguem das outras espécies, embora a sua evolução só ocorra na interação com outros fatores que de seguida apresentaremos.
- **Fatores ambientais e ecológicos:** Não se pode dissociar a evolução do Homem da sua interação com o meio ambiente e com o seu ecossistema. É da interpretação de diferentes meios que surgem as diferentes culturas, posteriormente, o meio introduz diferenças na vida do indivíduo e leva este a reagir. Tendo, este fator, a sua quota-parte de responsabilidade nas mudanças que ocorrem nas sociedades.
- **Interação entre humanos:** Tal como na evolução do indivíduo é na interação entre iguais que as sociedades passam de uma situação de conflito entre si para uma situação de perceção da essência da regra, esta pode ser mudada se todos os envolvidos estiverem de acordo. A obediência estática à figura superior nunca possibilitaria essa evolução. Na evolução do indivíduo a figura superior é a figura adulta, enquanto que na evolução das sociedades ela é representada pela instituição política ou religiosa. A interação entre humanos tem assim grande importância nas revoluções sociais, políticas, científicas, económicas ou até mesmo culturais.
- O psicanalista Carl Jung veio-nos falar em inconsciente coletivo, independentemente disso, aqui propõem-se a ideia de um **consciente coletivo**. Como podemos operacionalizar isso? Conjunto de ideias e conceitos aceites de uma forma significativa numa determinada época e num determinado espaço, e que impulsionam a sociedade num determinado sentido. Esta definição pode valer por si só, mas se, e volto a repetir, **só se** futuras experiências confirmarem a existência de uma perceção extra-sensorial nos humanos, especialmente no campo da sincronização, então o termo consciente coletivo poderá ficar fortalecido. É o consciente coletivo a

tal estrutura que permite a evolução dos processos psicológicos ao nível da espécie humana, no entanto como fator não se pode dissociar dos restantes. Os quatro fatores atuam através de uma interação entre si. Assim duas civilizações com conscientes colectivos diferentes podem, a determinada altura, começar a partilhar o mesmo consciente.

Torna-se agora necessário fazer algumas clarificações acerca do que aqui é proposto. A primeira é que eu não estou a ver a evolução da Humanidade à luz da evolução do indivíduo atual. É certo que conceitos como infância e adolescência variam de cultura para cultura e de época para época. Mas como já foi dito esses termos são aqui empregues como metáforas para melhor expressar a ideia aqui implícita. O trabalho reporta-se ao padrão de evolução que sempre existiu na evolução do campo percetivo do indivíduo (a criança da Idade Média não era igual ao adulto da mesma época!). Mas como é que nós podemos saber que esse padrão sempre existiu? A minha ideia é que ele sempre existiu na espécie *Homo Sapiens Sapiens*. De outra forma como é que se identifica a espécie em termos psicológicos?! Um exemplo muito concreto para apoiar o que eu digo: os gregos, há mais de 2000 anos, tiraram conclusões para a educação que ainda hoje se aplicam. Porquê? Porque a criança daquela época é da mesma espécie da criança desta altura. É claro que o meio pode introduzir diferenças na educação e na formação mas negar um padrão estabelecido à partida é negar a identidade como espécie, que em muito parte do nosso património hereditário. Outra pergunta se poderá ainda fazer: Porque se toma este seguimento de processos psicológicos como o padrão evolutivo do campo percetivo humano, e não outro seguimento? Não havendo nenhum Piaget que tenha realizado trabalhos daquele tipo, em épocas anteriores à nossa, toma-se como padrão este seguimento porque é ele que se verifica na evolução da espécie, o nível superior da evolução humana.

Também não é metodologia deste trabalho ver toda a evolução da Humanidade à luz do contexto atual. Cada época tem, reconhecidamente, o seu próprio contexto, no entanto é da sucessão dos diferentes contextos que se faz esta linha de evolução. Por isso mesmo não se faz aqui juízos de valor entre épocas, nenhuma época é melhor que a outra, simplesmente são épocas diferentes, o mesmo se aplica em relação aos “personagens” de cada momento. Sempre existiram homens de grande visão só que sempre foram limitados pelo contexto em que viveram. É verdade que homens como Jesus Cristo fizeram a diferença numa determinada época no entanto quando isso

acontece não é mais do que um dos primeiros indícios de uma nova fase que se avizinha. A evolução total do indivíduo dá-se num espaço de 60/70 anos logo é possível um indivíduo atingir um alto nível de conhecimento em qualquer época. No entanto, se as suas ideias estiverem em contradição com o senso comum dá-se um conflito entre o seu consciente e o consciente coletivo. De qualquer forma a sociedade pode vir, ou não, a assimilar as novas ideias consoante o nível de maturação do seu consciente, por ex. a teoria Heliocêntrica de Copérnico já teve outro efeito que a teoria Heliocêntrica de Aristarco, em IV a.C., não conseguiu.

É de ter em atenção que não há limites rígidos para o início e conclusão das fases da evolução humana. Muitas vezes quando os primeiros sinais de uma fase ocorrem ainda a fase anterior não chegou ao seu fim. Por exemplo, o momento atual teve o seu embrião nos Descobrimentos e no Renascimento, recebeu impulsos decisivos com as revoluções liberais e com a Revolução Industrial, no entanto só se consolidou com a explosão de conhecimento ocorrida no séc. XX. Quando pensamos na evolução da Humanidade há que pensar à escala das centenas e milhares de anos.

Em todo o globo encontramos situações que parecem difíceis de encaixar na tal aldeia global. Mas atenção, como se pode verificar na exposição deste trabalho, o mundo de hoje é um mundo em processo de globalização e não um mundo já globalizado. Exemplos concretos:

- A civilização islâmica é a que denota maiores dificuldades na flexibilização da regra. É de ter em conta que dos grandes blocos civilizacionais este foi o que se consolidou mais tarde, o Islão apareceu cerca de 600 anos mais tarde do que o cristianismo. Há 600 anos atrás estaríamos, no ocidente, no fim da Idade Média. Daí a cultura muçulmana ainda estar a passar por um processo de maturação psicológica que outros já passaram.
- África é hoje um continente devastado pela guerra e pela fome. Não vamos esquecer que durante centenas de anos os africanos ficaram sem a condução dos seus próprios destinos, devido ao colonialismo. Experimente o leitor a ficar uns anos sem conduzir, um dia quando voltasse a pegar no volante de um carro não se sentiria inseguro?! A própria condução não sairia de forma atrapalhada?! Ainda para mais conduzindo um Ferrari quando da última vez tinha conduzido um Mini! O mesmo se pode aplicar aos países africanos.

- Em alguns pontos do globo ainda existem culturas tribais e indígenas com características panteístas e animistas, essas culturas a que eu chamaria culturas-artefacto, têm permanecido isoladas do processo de globalização.

Estes são apenas um tipo de exemplos dos conflitos com que se depara, hoje, a humanidade. A cultura global, seja ela qual for, só se pode consolidar uma vez ultrapassados os atuais conflitos. Isso não acontecerá de um dia para o outro, o que é importante ter em atenção é a forma como queremos resolver estes conflitos.

Algumas culturas, como a hebraica, nunca se incluíram nos grandes blocos civilizacionais, mas mesmo essas culturas mantiveram uma atitude dogmática em relação a si mesmas, durante muito tempo. Hoje também elas começam a sentir os efeitos da globalização o que demonstra um processo de evolução similar ao aqui descrito.

Neste trabalho podem ser facilmente detetadas alusões e noções de diferentes áreas como o cognitivismo, a psicanálise, o materialismo dialético ou o darwinismo. E de facto aqui a interdisciplinaridade é uma ferramenta utilizada, o erro está em pensar numa teoria como a explicativa absoluta da realidade quando na verdade diferentes teorias se complementam em vários pontos. A verdade é como um puzzle, o segredo está em saber juntar as diferentes peças.

Se o leitor tem dúvidas em relação ao verdadeiro âmbito deste trabalho, tenha em atenção o seguinte: se a evolução do Homem fosse uma corrida então a consciência seria a pista. Aqui só me reporto à pista e às etapas que esta comporta, questões como a meta não são o âmbito deste trabalho, embora se possa evidentemente especular, mas não passando disso. Para facilitar a apreensão da exposição deste trabalho vamos esquematizar em tópicos as características das fases da evolução humana:

I Fase

- O Homem à descoberta do meio.
- Criação do conhecimento básico assim como das primeiras civilizações.
- Cultura de características animistas, panteístas e politeístas.

Surgimento de grandes vultos

II Fase

- Cultura egocêntrica e monoteísta.
- Os grandes blocos civilizacionais e a criação dos dogmas.
- O Homem numa posição inferior e dependente em relação à figura superior.
- O mundo do Homem é o centro de todas as coisas.

Evolução nas sociedades/Explosão do conhecimento/

Encontro de culturas

III Fase

- Explosão do conhecimento acerca do próprio Homem e do meio que o rodeia.
- Queda dos dogmas, relativização dos valores, origem de conflitos entre os quais a crise de identidade.
- O mundo em globalização.
- O Homem autónomo no centro do mundo.
- Ajustamento da crença religiosa ao conhecimento científico.
- A Terra é apenas um corpúsculo do Universo.

IV Fase

- Consolidação de uma cultura a nível global. Qual? O destino do Homem a ele próprio pertence.

A Educação

No espaço anterior fiz alusão ao facto de estar em aberto a construção de uma identidade a nível global para a Humanidade. Esta questão é de extrema importância, uma vez que em relação a assuntos polémicos como a clonagem, o aborto ou até a eutanásia, a forma como o Homem irá lidar com eles no futuro dependerá da cultura que cristalizar. E é aqui que a educação entra, é ela o principal instrumento da formação dos indivíduos.

Nestas coisas cada um fala de acordo com as suas convicções, eu como partidário de uma sociedade justa e solidária relatarei os pontos que me parecem essenciais segundo este ponto de vista.

1º ponto - A sociedade no indivíduo: É habitual ouvir-se dizer que as crianças atualmente desde muito cedo criam um rei dentro da barriga. Ora nada mais natural, se a nossa sociedade é uma sociedade competitiva valorizando a superioridade a todos níveis (estético; intelectual; material; físico), inclusive passando constantemente imagens com este tipo de valores, nada mais óbvio que o indivíduo transponha isso para si. Assim é de ter muita atenção aos estímulos provenientes das estruturas sociais. Problemas como a violência e a precocidade na iniciação sexual relacionam-se, em muito, com a autêntica promoção de comportamentos deste tipo que é feita pelos médias, campanhas de marketing, entre outros.

2º ponto - O sistema educativo: O sistema educativo segue a lógica competitiva da sociedade. Muitos defenderão a competitividade como um mal necessário, mas a verdade é que esta está na base da inveja, da intriga, e do conflito. Certamente que uma sociedade solidária não se coaduna com este tipo de comportamentos. Daí que eu pense que não é impossível conciliar formação com um sistema que em vez de apelar às diferenças quantitativas apela a diferenças qualitativas como por ex. a vocação. No entanto, uma mudança neste aspeto só se pode dar através de uma interligação com o 1º ponto.

3º ponto - A educação do indivíduo em casa: Penso que aqui tem havido uma grande confusão acerca daquilo que se tem feito até agora. É normal pensar na disciplina e na organização como comportamentos a incutir na criança. Ora bem quem

tem que inculcar isso não é a criança, mas sim o adulto em si próprio e no meio que rodeia a criança. Se a criança verificar na sua casa e nos seus pais comportamentos de ordem e disciplina ela terá tendência a adquirir isso para si. Já a relação adulto-criança deverá ser orientada com questões como a afetividade e o tempo dispensados. Não adianta muito encher o quarto da criança de brinquedos se ela mal vê os pais em cada dia. Já na adolescência é contra-natura tentar prender o indivíduo a casa, importa é muni-lo de espírito crítico e de uma base forte de valores para melhor enfrentar o mundo exterior à sua casa. Mas atenção, os valores inculcados no indivíduo não devem estar desprendidos da realidade sob pena de ele próprio “pagar a fatura”. Nem os pais mesmo nesta fase devem descuidar atitudes como o diálogo e um tipo de acompanhamento que não sendo “sempre em cima” também não é *laissez-faire*.

Reconheço os obstáculos que se põem à efetivação destes pontos. No 1º e 2º implicaria uma reestruturação de toda a sociedade, no 3º implica lidar com a dinâmica do comportamento das pessoas onde se incluem os humores, o carácter, a formação e as próprias atitudes. No entanto, por algum lado se tem de começar e esta é a minha sugestão.

Novas Orientações

E agora? Que novas orientações para este trabalho?

- A própria orgânica deste trabalho: este trabalho não sendo mais do que uma proposta fica evidentemente sujeita a melhoramentos, a correções e a desenvolvimentos.
- Estudos interculturais: se admitimos que o processo aqui tratado ocorre ao nível da espécie e ao nível do indivíduo então também deveremos admitir que ele ocorre a um nível intermédio. Ou seja, em sociedades específicas e em espaços de tempo localizados este processo de evolução também poderá ter ocorrido, um mini-processo com um mini-consciente colectivo que se acabou por inserir no processo ao nível superior, daí a importância dos estudos entre culturas.
- Estudos relativos à PES: futuras experiências que demonstrem a existência de percepção extrasensorial nos humanos poderão nos abrir os olhos para uma possível “teia” sensorial envolvendo toda a humanidade, fortalecendo assim o termo de consciente colectivo.
- Física Quântica: o estudo de possíveis realidades paralelas à nossa é muito importante como forma de avaliar a real dimensão da experiência física do Homem/homem.
- Estudos com outras espécies: serão muito importantes na inclusão deste trabalho numa perspectiva mais abrangente – a evolução dos processos cognitivos ao longo da evolução das espécies.

Bibliografia

- Damásio, António (2000). *O Sentimento de Si*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América.
- Gribbin, John, & Gribbin, Mary (1994). *Enciclopédia Visual da Ciência, Tempo e Espaço*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Mason, Antony (1994). *Atlas Juvenil das Civilizações*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Mesquita, Raul, & Duarte, Fernanda (1997). *Psicologia Geral e Aplicada*. Lisboa: Plátano Editora.
- Neves, Pedro Almiro, & Almeida, Valdemar Castro (1993). *Manual de História*. Porto: Porto Editora.
- Sagan, Carl (1997). *Os Dragões de Éden*. Lisboa: Gradiva.
- Seleções do Reader's Digest (1998). *Portugal Misterioso*. Lisboa: Seleções do Reader's Digest.
- Texto Editora (1997). *Enciclopédia Universal Multimédia*. Texto Editora, Lda.

Nota: E muitas outras fontes que ao longo do tempo me influenciaram na construção desta perspetiva da evolução do Homem.

Índice

	Pág.
Introdução	2
Das origens às primeiras civilizações	3
Civilização Ocidental	11
Civilização Islâmica	20
Civilização Oriental	25
Outras Culturas	31
Dos Descobrimentos aos dias de hoje	33
Discussão/Conclusão	45
Novas Orientações	56
Bibliografia	57

**More
Books!** 



yes
I want morebooks!

Buy your books fast and straightforward online - at one of the world's fastest growing online book stores! Environmentally sound due to Print-on-Demand technologies.

Buy your books online at
www.get-morebooks.com

Compre os seus livros mais rápido e diretamente na internet, em uma das livrarias on-line com o maior crescimento no mundo! Produção que protege o meio ambiente através das tecnologias de impressão sob demanda.

Compre os seus livros on-line em
www.morebooks.es

OmniScriptum Marketing DEU GmbH
Bahnhofstr. 28
D - 66111 Saarbrücken
Telefax: +49 681 93 81 567-9

info@omniscrptum.com
www.omniscrptum.com

OMNIScriptum



